Capítulo 1

Bonpland, Saint-Hilaire e o Megatherium nas coleções de cartas de Dámaso Antonio Larrañaga (1771-1848)

Maria Margaret Lopes
Alda Lúcia Heizer

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LOPES, MM., and HEIZER, A., orgs. *Colecionismos, práticas de campo e representações* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 280 p. Ciência & Sociedade collection. ISBN 978-85-7879-079-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

1.

Bonpland, Saint-Hilaire e o *Megatherium* nas coleções de cartas de Dámaso Antonio Larrañaga (1771-1848)

Maria Margaret Lopes¹

Alda Lúcia Heizer²

Persona

Dámaso Antonio Larrañaga (1771-1848) é uma figura de destaque na historiografia uruguaia (Algorta Camusso, 1922). Mas, sua obra como naturalista é menos conhecida entre os historiadores das ciências, mesmo na América Latina (Camejo, 2008). Nascido em Montevidéu, filho de pai de origem basca e mãe de origem portuguesa, Larrañaga estudara no Real Colegio de San Carlos, em Buenos Aires e mais tarde ocupou posições controvertidas, mas de prestígio, no cenário político e religioso do Rio de la Plata. Consagrado no Rio de Janeiro, onde rezou sua 1ª missa, em Montevidéu atingiu o posto mais alto da hierarquia eclesiástica (Furlong, 1945). No fim da sua vida, já idoso e cego foi presidente da Comissão encarregada da organização do Museu de Montevidéu, criado em 4 de setembro de 1837 (Lopes and Podgorny, 2000).

Ao longo de sua trajetória, Larrañaga cultivou uma ampla rede de correspondentes que incluíam desde Artigas até seus familiares. Seu convívio com os eruditos de Buenos Aires e com a rede de amigos padres naturalistas, armada desde as aulas do Colégio de São Carlos também estão registradas em sua volumosa correspondência (Favaro,

1 *Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência. Universidade de Évora; Diretora do Museu de Astronomia e Ciências Afins/MCT.*

E-mail: mariamargaretlopes@gmail.com

2 *Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro*

E-mail: aldaheizer@jbrj.gov.br

1950). A essa rede pertenciam entre outros, Tomás Javier Gomensoro (1776-1841), Saturnino Seguro (1776-1854) e Bartolomé Doroteo Muñoz (1776-1831) (Di Stefano, no prelo). Em suas cartas, Gomensoro, que em 1818 era pároco em Canelones, no interior do atual Uruguai, informava Larrañaga sobre as espécies botânicas que encontrava em suas herborizações, enviava-lhe sementes, o convidava para realizar excursões para coleta de produtos naturais e partilhava seus projetos arquitetônicos para a construção da igreja local³.

Larrañaga foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional de Montevideo inaugurada em 26 de maio de 1816 e destruída no ano seguinte pela ocupação luso-brasileira. Antes disso, fora nomeado subdirector da Biblioteca Pública de Buenos Aires entre 1813 e 1815, fato que seus correspondentes não deixariam de acompanhar. O conhecido comerciante inglês de minerais, John Mawe (1766-1829) (Torrens, 1992), que mantinha correspondência com Larrañaga desde 1806, quando se conheceram em Montevideu, voltou a lhe oferecer seus serviços, nesta ocasião, sem deixar de pedir em troca, alguns exemplares de conchas terrestres e fluviais. Mawe, que já estava de volta a Londres, em 1813, se ofereceu para intermediar a compra de livros, que poderiam ser necessários para a Biblioteca. Informava que havia transferido sua loja para o centro de Londres (149 Strand, "London's busiest shopping street") e que sua coleção de livros voltava-se principalmente para a obras de Química, Mineralogia e Agricultura, sendo que os clássicos estavam fora de seu campo de ação. Seu principal interesse – o comércio de pedras preciosas e minerais – havia aumentado muito, desde seu retorno do Rio de Janeiro⁴.

O padre Larrañaga sobreviveu em cargos de cada vez maior poder, em diferentes situações políticas. Tendo sido hábil negociador, integrou o círculo mais próximo do general Carlos Frederico Lecor, o administrador português da Província Oriental⁵. Mesmo assim, ocuparia posteriormente, o posto de senador, quando da constituição da República uruguaia, em 1828. Larrañaga que passou grande parte de sua vida reunindo coleções e classificando as amostras que recolhia em suas viagens, uniu em sua morte todas as facções em luta na prolongada guerra civil uruguaia e sua obra científica tornou-se uma unanimidade.

3 Carta de Gomensoro a Larrañaga. Canelones, 23/08/1818. Larrañaga (1923, 247-249).

4 Carta de John Mawe a Larrañaga. London, 21/10/1813. (Favaro, 1950, 115-116).

5 O general Carlos Frederico Lecor - depois Barão de Laguna -, lutou nas guerras contra Napoleão, em Portugal e foi governador da praça de Elvas, no Alentejo português. Depois disso, foi o responsável pela organização de um exército e pela ocupação e administração da Província Oriental, de 1817 a 1825, a princípio a serviço do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves e, posteriormente, de 1822 a 1925 a serviço do Império do Brasil.

Sobre as proporções de seu trabalho⁶, o próprio Larrañaga daria seu testemunho em seu discurso inaugural, quando assumiu a direção da Biblioteca de Montevideu, em 1816, dirigindo-se aos jovens e enaltecendo a importância dos estudos de todas as ciências e línguas nativas e estrangeiras para a riqueza das nações. Eram tantos os produtos naturais da região, que ele mesmo, naquela mesma sala da Biblioteca, entre suas diversas funções religiosas, havia classificado e descrito sistematicamente, mais de mil espécies desconhecidas dos três reinos da natureza (Larrañaga, 1924). Larrañaga, que era considerado excelente desenhista, ilustrava seus próprios textos. De seus desenhos de botânica, foram recuperadas um total de 135 láminas em 126 pranchas e identificadas 129, pertencentes a 103 gêneros e 51 famílias entre as mais ‘vistosas’ e indígenas das regiões do entorno de Montevideu, mas também do norte do país, possivelmente do Departamento de Payssandú, que Larrañaga visitara em 1815. Entre esses desenhos 13 descrições são assinaladas como gênero ou espécie novas, e o eram até por volta de 1824, a exceção de uma – possivelmente pertencente a *Panicum sabulorum* de Lamarck, 1797 segundo a classificação de Herter (1928)⁷.

Seus peixes, cujas descrições e locais de pesca no rio de La Plata e em rios do interior do Uruguai constam de seus “Escritos” de 1814 (Zoologia, Pisces), foram identificados em termos de pelo menos 30 espécies marinhas, 25 de água doce e algumas impossíveis de serem identificadas (Devincenzi, 1925). No segundo volume desses “Diários” redigidos até por volta de 1823, há também descrições do território Oriental, costumes dos habitantes e comentários práticos sobre agricultura. Suas detalhadas memórias geológicas sobre a formação do Rio de La Plata e teorias diluvionistas⁸, apoiavam-se nos estudos de suas volumosas coleções de conchas. Tais conchas obtidas por envio de correspondentes, coletadas em suas viagens ou, como as pelágicas, que havia comprado ‘a unos Indios en La Paz entre várias drogas’ lhe permitiam classificar novas espécies. Por exemplo, as ‘piedras de águila’ vendidas pelos indígenas foram classificadas como um novo gênero – *Guarcarite* – da família das terebrátulas. Aos geólogos, que não tinham outros instrumentos que a

6 Suas obras e fragmentos de trabalhos circularam, como atestam seus correspondentes. No entanto permaneceram quase todos inéditos a sua época, tendo sido publicados, no primeiro tomo dos *Anales del Museo de Nacional de Montevideo* com uma introdução de Carlos M. de Pena (Pena, 1897) e no início dos anos vinte, em uma homenagem do Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay.

7 Agradecemos a Irina Podgorny o acesso a esse artigo.

8 Para uma análise de suas memórias geológicas sobre a formação do Rio de La Plata e sobre a Pedra de cal de Buenos Aires ver (Lopes e Varela, 2010)

observação, já que tudo que encontravam já estava em ruínas, recomendava trazer em seu auxílio a antomia comparada, a física, a química, a astronomia, a história, a mineralogia, a botânica, a docimástica e todas as ciências exatas, físicas e naturais, para examinar as épocas, as causas, os efeitos dos fenômenos naturais (Larrañaga, 1923, 24)

A persona construída sobre Larrañaga na historiografia não é exceção na comunidade de naturalistas, que realizaram suas obras científicas em meio a sua atuação política e ou eclesiástica e durante as guerras, nas regiões do Rio de La Plata, que hoje integram o sul do Brasil, o Uruguai, o Paraguai e a Argentina. Em 1821, ainda no período da ocupação luso-brasileira dos territórios uruguaios, Larrañaga receberia de João VI, pelos serviços prestados ao Império Português, a comenda da Ordem de Cristo. Sobre essa condecoração o consulado norte-americano no Rio de Janeiro comunicaria ao seu país em tom de reprovação que o Dr. Larrañaga, pároco da igreja principal de Montevidéu, com poder sobre todas as pároquias da Província, homem de ciência, grande naturalista, de sentimentos liberais, amigo do país, sagaz e inteligente e contudo, subserviente aos portugueses, havia aceitado uma ordem de nobreza (Favaro, 1950). Antes disso, Larrañaga enquanto integrante da delegação de deputados de Montevidéu, havia sido recebido no Rio de Janeiro pessoalmente por D. João VI, o príncipe regente no Brasil. Os deputados lá estiveram, em 1817, - logo após a ocupação luso-brasileira - levando reivindicações e prestando vassalagem, para horror dessa vez, da diplomacia francesa, que preocupada com seus interesses no Prata, os considerava infames traidores. A sua volta do Rio de Janeiro, Larrañaga recebeu a primeira carta de Aimé Bonpland.

Encontros e correspondentes

As cartas trocadas entre Larrañaga e Aimé Bonpland (1773-1858), e Larrañaga e Aguste de Saint-Hilaire (1779-1853) justamente atestam que a circulação “dos mesmos dados” (Rudwick, 2005) entre potenciais interessados foi também um dos elementos constitutivos do estudo moderno das ciências botânicas, zoológicas, geológicas e paleontológicas, no sul da América. As cartas e os registros dos encontros que mantiveram deixam saber que os manuscritos de Larrañaga foram lidos, discutidos, referenciados. Os encontros de Bonpland e Saint-Hilaire com Larrañaga foram alguns dos muitos encontros que ocorreram entre naturalistas nos territórios que constituem o Uruguai e que foram possibilitados entre outros motivos, por uma maior abertura da América Portuguesa aos naturalistas de diversos países, após a transferência da corte portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro, em 1808.

A correspondência de Larrañaga permite saber que suas coleções foram examinadas, checadas, classificadas e divulgadas. A correspondência é também um manancial de informações sobre detalhes das trajetórias percorridas pelos naturalistas viajantes e coletores em suas missões naturalistas, diplomáticas e comerciais.

Nas cartas de Larrañaga são diversas as cautelosas, necessárias e evidentemente também retóricas, referências a suas insuficiências de recursos bibliográficos, relativizadas por suas menções aos livros que utiliza para suas classificações, ou nas que constata que algumas das espécies que julgava novas acabavam de ser publicadas. Não faltam também a valorização de seu próprio trabalho e as referências que atestavam sua erudição.

A correspondência entre Bonpland e Larrañaga⁹ inicia-se explicitamente pelo comércio de livros, em 1818, quando Larrañaga voltou de sua missão diplomática junto a D. João VI, no Rio de Janeiro. Bonpland chegara em Buenos Aires em 1816, possivelmente atraído pelos esforços diplomáticos que Bernardino Rivadavia buscara articular na Europa em prol do reconhecimento das Províncias Unidas do Rio de la Plata (Bell, 2010), antes da ocupação luso-brasileira.

Rapidamente desiludido, com o estado de guerra que encontrou, com suas coleções ainda embaladas, Bonpland escreve a Larrañaga, em busca de apoio e de um cliente potencial. Estabelecidas suas relações com os eruditos em Buenos Aires, é através dos amigos comuns de Buenos Aires, como Segurola e Bartomé Muñoz, que Bonpland se apresenta. Apostando em que Larrañaga pudesse ser um possível comprador dos livros de História Natural e dos livros sobre sua viagem com Humboldt, que trouxera consigo nessa sua nova viagem, propõe seu negócio. Informado também sobre uma certa vitalidade do comércio de livros no Rio de Janeiro e mesmo supondo que com a última viagem de Larrañaga, sua biblioteca particular e a de Montevideu tivessem sido muito enriquecidas, Bonpland envia sua lista de livros disponíveis para compra, oferecendo inclusive a possibilidade de fazer descontos. Mas previne Larrañaga que se apressasse, porque oferecera também seus livros a possíveis compradores no Chile. Diz conhecer o interesse de Larrañaga pelas ciências, estar bem informado sobre seus trabalhos, e desejoso de conhecer suas coleções de plantas reunidas em suas viagens

9 Os comentários que se seguem constam das cartas trocadas entre Bonpland e Larrañaga em: 02/26/1818; 04/02/1818; 05/25/1818; 09/15/1818; 11/10/1820. (Larrañaga, 1923, 257-275).

pelos rios Paraná, Uruguai e suas ilhas de vegetações mais exuberantes do que as do entorno de Montevideu¹⁰.

Larrañaga de fato comprou com 10% de desconto alguns livros de Bonpland, referidos como *Voyage de Humboldt et Bonpland, Zoologie; Humboldt tableaux de la nature; Schel. Dictionnaire de Sciences naturelles; Desfontaines: tableaux de l'École botanique; 'Plantae americanae' de Plumier*. E embora Bonpland não possuísse o livro de nívelações barométricas e o *Conspectus longitudinum* que Larrañaga solicitara, como bom vendedor e para "encher o caixote" enviou outros mais¹¹ e sua lista de livros disponíveis na esperança de que a biblioteca pública os comprasse, e Larrañaga não o precisasse fazer. E ainda solicitava a Larrañaga a intermediação de seus negócios. Pedia ao padre se este poderia encontrar um livreiro em Montevideu que vendesse os livros que não fossem comprados, ou os devolvesse a casa Roguin y Meyer.

Lamentando que parte das coleções de insetos, plantas e aves de Larrañaga teriam sido destruídas durante sua ausência de Montevideu, na viagem ao Rio de Janeiro, Bonpland também lamentava que seu herbário de mais de 20.000 plantas bem determinadas, uma coleção preciosa de conchas e a coleção mineralógica, com todas as amostras que havia reunido em sua viagem com Humboldt, além de outras reunidas em França, estavam ainda, 18 meses após sua chegada as regiões do rio de La Plata, armazenadas sem uso. Menciona a "douce illusion" com que chegara a essas regiões da América, de que suas coleções fossem úteis para servir de base para algum estabelecimento de instrução pública¹².

Bonpland ofereceu a Larrañaga uma versão de sua vinda a América. Tratava-se de uma oportunidade de recuperar o tempo que perdera para as ciências, desde quando aceitara o posto *d'Intendant des Domaines de l'Impératrice Joséphine*. Emprego que teria aceitado, uma vez que não se concretizaram seus planos de continuar a trabalhar em conjunto com Humboldt, já que, quando voltaram a Europa, embora inda tivessem trabalhado algumas vezes juntos, Humboldt passara a se ocupar de política na Alemanha. Esperançoso, Bonpland comunica seus planos de ocupar o posto de naturalista e correspondente que a morte de Tadeo Haenke (1761-1817)¹³ deixara vago.

10 Carta de Bonpland para Larrañaga. Buenos Aires 13/02/1818. (Larrañaga, 1923, 257-258).

11 Carta de Bonpland para Larrañaga. Buenos Aires 02/04/1818. (Larrañaga, 1923, 264-266).

12 Carta de Bonpland para Larrañaga. Buenos Aires 02/04/1818. (Larrañaga, 1923, 260-261).

13 Nascido na Boêmia com estudos em Praga e Viena, o naturalista Tadeo Haenke integrou a expedição espanhola Malaspina e permaneceu nas regiões do Rio de La Plata, Bolívia e Peru até sua morte.

Para apresentar seus trabalhos e valorizá-los, pedindo desculpas pela demora no envio de sua carta, Larrañaga¹⁴ dizia ter realizado seus trabalhos em poucas horas retiradas de seus momentos de descanso e mesmo assim interrompidas por suas inúmeras obrigações eclesásticas. Larrañaga enviou a Bonpland cinco textos do reino animal em que trata de 62 mamíferos, 142 aves, 33 anfíbios e 65 peixes classificados segundo a 13ª edição do sistema de Lineu. *Os Diários de História Natural* de Larrañaga, organizados entre 1808 e 1813, continham 2.000 descrições e classificações, seguindo Lineu, Lamarck, Gmelin e os *embranchements* de Cuvier para os animais. Embora Lineu fosse 'seu único mestre', Larrañaga destaca a própria originalidade de seu trabalho, acrescentando que como era preciso seguir a moda do século - de que está completamente a par (havia comprado recentemente a grande edição de Buffon por Sonini, os trabalhos de Cuvier), havia classificado seus mamíferos por novos métodos e havia acrescentado algumas inovações suas e de Felix Azara (1742-1821), já que a todos era permitido metodizar. Felix Azara fora engenheiro militar das comissões de limites entre Portugal e Espanha dos anos de 1750 e permanecia como uma referência fundamental para os estudos zoológicos da região.

Retóricas de parte a parte, essas cartas fornecem detalhes das situações que caracterizam esses encontros e intercâmbios de naturalistas de diferentes formações. Bonpland chega ao sul da América desejoso de um emprego em História Natural, além de suas missões diplomáticas, em uma região em guerra, tendo seus livros e a fama da viagem com Humboldt para vender em troca de informações, documentos, coleções de produtos naturais, desconhecendo os trabalhos e o prestígio dos naturalistas locais, a quem acaba por considerar.

Se dizendo impressionado e possivelmente estando impressionado, com o trabalho de Larrañaga, Bonpland diz que irá rever seus planos de enviar artigos para as publicações européias sobre a História Natural das regiões do Prata. Reconhecendo que Larrañaga possuía muitos mais conhecimentos do que ele sobre essas regiões do sul da América, Bonpland afirma a Larrañaga que não enviaria nada aos jornais europeus, antes de se encontrar com ele, saber suas intenções sobre publicações. Não se permitiria publicar sem o consentimento de Larrañaga trabalhos sobre os quais considerava que Larrañaga teria mil vezes mais direito que ele e que na verdade, Bonpland considerava propriedade de Larrañaga.

Entre diversos trabalhos, foi autor de diversos artigos no jornal *El Telégrafo Mercantil* e tinha um título de professor de Historia Natural das Provincias Unidas del Río de la Plata.

14 Carta de Larrañaga para Bonpland Buenos Aires 05/25/1818. (Larrañaga, 1923, 267-269).

Frente as informações de Larrañaga de possuir partes de esqueletos do que Cuvier havia classificado como *Megatherium*, Bonpland o aconselha a não enviar suas coleções.

Em uma de suas cartas – de 15 de setembro 1818 –, Bonpland aconselhava Larrañaga, a conservar, os ossos que possuía, se esses fossem do mesmo tipo daqueles do grande esqueleto encontrado em Lujan, que Bonpland havia visto no Museu de Madrid. Bonpland afirma, que Larrañaga poderia fazer um desenho reduzido e enviá-lo a Europa e lhe ficariam muito agradecidos desse obséquio. Avisa que Cuvier é a única pessoa a quem isso convém, e que talvez fosse melhor dirigir os desenhos ao Ministro do Interior para que esse os enviasse ao Museu de História Natural, ou diretamente para o Museu e escrever a Cuvier em qualquer dos dois casos. Pedia desculpas pelas sugestões, mas lhe pedia a convicção de que o fazia em seu interesse e no de seu país. Ainda lhe informava e pedia apoio para suas articulações para a criação do Museu de História Natural de Corrientes, em Paraná. Bonpland que passaria o resto dos seus dias nas regiões fronteiriças dos atuais Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai, ainda veria, finalmente na década de 1850 os primeiros esforços para a organização de um museu de História Natural em Corrientes (Podgorny e Lopes, 2008).

O *Megatherium* também seria tema da correspondência com naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire (1779–1853). Quando Saint-Hilaire o procurou em sua casa, em 1820, Larrañaga já gozava de um amplo prestígio eclesiástico, político e científico indissociáveis. Em Montevideu, entre 3 e 23 de novembro de 1820, Saint-Hilaire que viajava pelo então sul do Império português na América - com o apoio do Muséum de Histoire Naturelle, de Paris e com autorização do governo estabelecido no Rio de Janeiro –, passara todas as horas que pode e com imenso prazer em companhia de Larrañaga. Auguste de Saint-Hilaire (Kury, 1995) também havia chegado ao Brasil em 1816, incorporado a missão diplomática francesa coordenada pelo duque de Luxemburgo (Saint-Hilaire, 1824). A missão se ocupava da resolução dos problemas de delimitação das fronteiras dos territórios do norte do Brasil com a Guiana francesa, que havia sido ocupada pelas tropas portuguesas em 1809, em represália à invasão napoleônica de Portugal. Saint-Hilaire foi apresentado ao padre Larrañaga por um sr. Chapre, cunhado de um sr. Cavailler, que exercia medicina. Suas conversas, visitas conjuntas a instituições como a Biblioteca Pública, ou o Hospital, herborizações nos arredores de Montevideu e consulta constante aos catálogos organizados por Larrañaga, com cerca de 700 plantas só do entorno de Montevideu – mencionadas por Saint-Hilaire por seus respectivos

números do catálogo –, informavam o naturalista francês de inúmeros aspectos da natureza da região e da analogia dos climas dessas regiões da América e da Europa. Tal analogia era confirmada pela facilidade, com que por exemplo, reconhecia os mesmos tipos de plantas (Saint-Hilaire, [1887] 2002).

Nas cartas que trocaram, Saint-Hilaire agradece a Larrañaga o documento de apresentação que este lhe dera, e que lhe valera em suas viagens pelo sul da América, a melhor acolhida entre as autoridades e curas. Saint Hilaire confirma ter encontrado a partir das indicações precisas do catálogo de Larrañaga plantas específicas, cujas classificações julgava não estarem ainda definidas, e outras, como as coletadas entre Montevideu e Rio Negro, que pertenciam a famílias européias. Suas coletas em Las Víboras haviam sido magníficas. Em Colonia do Sacramento, Saint-Hilaire encontrou o –trebol singular– de que Larrañaga lhe havia falado. De Porto Alegre e do Rio de Janeiro prometia continuar enviando notícias. Ainda lhe pedia informações específicas sobre os meios de transporte, preços, condições de segurança e possibilidades reais de ir e voltar do Rio de Janeiro a Cordilheira dos Andes, entre os meses de setembro de 1821 e março de 1822¹⁵. Em resposta, Larrañaga lhe garantia que a viagem não só era possível como seria barata, uma vez que o Chile era considerado um dos países mais baratos do mundo. Quanto a segurança da viagem, – el genio americano– era doce, hospitaleiro e respeitava as ciências. E, afirmando que algumas cartas de apresentação lhe seriam suficientes, assegurava, exibindo seu próprio prestígio e conhecimento do que se passava na região, que Saint-Hilaire receberia por parte de seus amigos os mesmos favores que anteriormente já haviam recebido Fresier, Teuvillé e Dombey – o ilustre companheiro de Ruiz e Pavón¹⁶, nas expedições espanholas ao Perú e Chile.

Essas viagens marcaram efetivamente a carreira de Saint-Hilaire e suas volumosas obras sobre a região. Em carta a Blainville, datada de janeiro de 1830, em busca de votos para sua admissão na Academia de Ciências de Paris, para onde foi eleito em 1830, Saint-Hilaire destaca entre seus títulos e atividades, particularmente, os seus seis anos de viagens no Brasil, na República Cisplatina e nas missões (Dwyer, 1955). Das viagens a algumas dessas regiões, para as quais as cartas de Larrañaga foram da maior utilidade, resultaram as mais de 7 mil espécies de plantas,

15 Carta de Saint-Hilaire a Larrañaga, Belem, 15/01/1821 (Larrañaga, 1923, 277-278).

16 Carta de Larrañaga a Saint-Hilaire, Montevideu, 16/02/1821 (Larrañaga, 1923, 280-282).

2000 pássaros 16000, insetos, 129 quadrúpedes e 35 répteis (4.500 delas desconhecidas), enviadas ao Muséum de Paris e a grande maioria de suas publicações. (Saint-Hilaire, 1823)

Algumas das cartas de Saint Hilaire foram entregues pessoalmente a Larrañaga por Friedrich Sellow (1789-1831) que também o acompanhou em herborizações que resultaram em amplas coletas e novas classificações. Sellow com autorizações e passes fornecidos pelo governo do Rio de Janeiro, que viajava comissionado pelo Museu de Berlim e pelo já então criado Museu Real do Rio de Janeiro, foi um dos naturalistas estrangeiros que mais forneceram coleções geológicas, paleontológicas e zoológicas ao Museu Real do Rio de Janeiro à época, embora essas não se comparassem às enviadas a Berlim (Lopes, 1997). E foram seus envios de grandes ossadas fósseis ao Museu de Berlim, que permitiram a Weiss e D'Alton novas contribuições para as discussões ao debate sobre a existência ou não carapaças nos Megatérios (Podgorny, 2007).

Em sua correspondência, Saint-Hilaire ainda informara Larrañaga, em janeiro de 1821, que algumas de suas notas seriam enviadas para a Société Philomatique de Paris para a qual Saint-Hilaire havia proposto o nome de Larrañaga como correspondente. Em setembro de 1822, Saint-Hilaire voltou a informar Larrañaga que as tais notas, junto com um memorando seu não haviam chegado a França¹⁷. Mas na mesma carta diz ter comunicado *'à notre savant Cuvier ce que vous me faites l'honneur de me mander relativement au Faton [sic] fossil. Comme il se propose de donner bientôt une 2ème édition de son ouvrage, il désire vivement que vous publiez quelque chose sur cet objet intéressant, et me charge de vous en prier en son nom. Dans le cas ou cela ne vous conviendrait pas, vous pourriez m'envoyer une simple note dont il profiterait, en vous citant, comme cela doit être.'*

Em 29 de março de 1822, o conhecido navegador francês Louis Claude de Freycinet (1779-1842), autor de um dos primeiros mapas do litoral da Austrália, que em suas viagens de circunavegação também havia encontrado Larrañaga em Montevideu, lhe escrevia, desculpando-se pelo atraso em lhe enviar os livros que se encarregara de comprar em Paris. Nessa carta, além de solicitar a Larrañaga que lhe comunicasse suas observações meteorológicas do ano de 1821 e dos próximos, também lhe informava que em breve receberia uma carta da Société de Géographie de Paris, propondo-o como correspondente. Também

17 Carta de Saint-Hilaire a Larrañaga, Paris, 19/09/1822 (Larrañaga, 1923, 291-293).

reafirmava o interesse de Cuvier pelos trabalhos de Larrañaga: '*Mr. Cuvier, auquel j'ai parlé de vos découvertes en histoire naturelle, serait fort satisfait des communications que vous voudriez bien lui faire*'¹⁸

De fato, uma nota de Larrañaga acabou sendo publicada em: Saint-Hilaire, Auguste de Extrait d'une lettre de D. Damasio Larranhaga de Montevideo a ... "Note sur le *Megatherium* de Cuvier, l-Hydromis, et une variété nouvelle de mais". *Bulletin des Sciences par la Société Philomatique* de Paris, june 1823, p. 83. A mesma nota é referida por exemplo, pela Geological Society em 1823, em seu catálogo dos *Scientific Papers* compilados pela Royal Society em 1868. Trechos dessa mesma carta imortalizariam Larrañaga como "*savant Brésilien*", em uma referência a essa época em que os territórios da Banda Oriental, permaneciam anexados ao Brasil (Lopes, 1999). Seriam reproduzidos pela nota de Cuvier na segunda edição de suas *Recherches sur les Ossements Fossiles*". Associando seu grande quadrúpede encouraçado (que Larrañaga não duvidava em classificar como *Dasypus*), ao *Megatherium*, Larrañaga inaugurou um debate que só se encerraria vinte anos depois envolvendo uma ampla gama de outros interessados, em diferentes regiões do mundo, como os diversos trabalhos de Irina Podgorny (2001, 2011) têm ressaltado¹⁹.

Nos papéis de Larrañaga, há um extrato da publicação *Monthly Magazine* de dezembro de 1806, p. 429, sobre as últimas observações dos naturalistas sobre os ossos fósseis e conchas, em que há menções ao *Megatherium*. Trechos sobre o envio do *Megatherium* pelo Marquês de Loreto, em 1789, e observações sobre os ossos que possuía em suas coleções, são reproduzidos nos trabalhos geológicos de Larrañaga e em seus *Diários de História Natural*, embora ele nunca tenha publicado o estudo mais completo, pelo qual Cuvier esperava. Em sua *Memória geológica sobre la Piedra de cal de Buenos Aires por un hijo del país*, embora as conchas fossem sua prioridade para os estudos estratigráficos, Larrañaga se permitiu contestar Cuvier, atribuindo couraça ao *Megatherium* a partir de detalhadas observações das ossadas de suas coleções: *En parte alguna se ha encontrado nada más gigantesco ni extraordinario como el Megaterium de Cuvier, que se encontró en el Rio de Luxan, que ya ha perecido y solo tiene representante a nuestros*

18 Carta de Mr. de Freycinet a Larrañaga, paris, 29/03/1822 (Larrañaga, 1923, 287-289).

19 Para uma discussão aprofundada sobre os debates em torno das classificações paleontológicas, do comércio de fósseis, do envio de coleções das regiões do Rio de La Plata aos Museus Europeus, ver entre os diversos trabalhos de Irina Podgorny - a quem agradecemos as inúmeras idéias trocadas sobre Larrañaga -, especialmente Podgorny (*pre-print*).

Tatus, matacos, mulitas y quirquinchos. Aquel profundo maestro y fundador de la Anatomia comparativa me permitirá que me separe de su opinion en esta parte (Larrañaga, 1923: 23).

Fronteiras

Esses rápidos flashes da rede de correspondentes de Larrañaga e sua atuação têm o sentido de adensar nossos conhecimentos sobre os mecanismos de articulação, circulação de personagens e objetos, em um desses múltiplos pontos de intercâmbios e contatos, que foram as regiões de fronteiras móveis do sul da América nas primeiras décadas do século XIX. Buscam matizar tópicos sobre invisibilidades e isolamento de naturalistas, também nas regiões do sul da América. A ênfase em se tecer considerações sobre os lugares, onde se articulam os intercâmbios, pressupõe considerar a construção das ciências, no caso no início do século XIX, evidentemente inserida na geopolítica e nas tecnologias de informação e comunicação de mundos já bastante integrados. Larrañaga está longe de ter sido um coletor de amostras ou fornecedor de informações e coleções para centros científicos. Foi mais um, entre inúmeros, outros indivíduos que moldaram e organizaram seus imensos dados de acordo com seus próprios padrões de expertise, de conhecimento, servindo-se inclusive de suas condições sócio - políticas, culturais privilegiadas. É mais um caso, para as histórias das ciências local e historicamente contextualizadas, que buscam compreensões mais abrangentes e globalizadoras, e não se limitam há alguns poucos personagens protagônicos, para contribuir para o traçado de mapas simultaneamente mais densos em detalhes e abrangentes em dimensões, como sugere Lissa Roberts (2009). É também uma tentativa de aproximação de abordagens que contemplam o caráter especificamente local de encontros entre indivíduos situados nas redes globais cada vez mais amplas. Só ambos – o caráter local e as redes globais - possibilitam e conferem significado quer as condições quer aos produtos resultantes desses encontros.

Delimitar fronteiras e cruzá-las nunca foi uma tarefa fácil, nos mais diferentes sentidos em que possamos imaginar. Situado estrategicamente em um território cobiçado, ocupado, perpassado pelos mais diferentes interesses, Larrañaga e seus correpondentes partilharam objetivos e construíram redes que mobilizaram diversos outros personagens além dos poucos mencionados aqui, fossem eclesiásticos, políticos, comerciantes, familiares, frequentemente tipos híbridos entre esses,

que seria fácil identificarmos aos *go-betweens*, no sentido que lhes confere Simon Schaffer e outros autores (2010). Tais *go-betweens* não foram meros informantes ou simples agentes da *unidirectional cross-cultural diffusion*, mas figuras que articularam relações entre mundos ou culturas diversas sendo capazes de circular entre eles. Personagens como Larrañaga, desempenharam papéis cruciais na promoção e estabelecimento de encontros e interações através de diferentes culturas e experiências científicas, mas cujas trajetórias foram largamente ignoradas na historiografia sobre a construção do mundo moderno, especialmente no domínio do conhecimento e das ciências. Penso esse ensaio, como uma contribuição ainda em construção, mas claramente inserida na já não tão recente historiografia voltada para as formas de conhecimento, expertise e mediação que esses ainda pouco conhecidos personagens construíram, desenvolveram e manipularam nas fronteiras que cruzaram.

Referências bibliográficas

- Algorta Camusso, R. *El Padre Dámaso Antonio Larrañaga. Apuntes para su Biografía*, Montevideo: Talleres Graficos A.Barreiro y Ramos. 1922
- Camejo, L. "Larrañaga y la ciencia moderna". *Fermentario*, 2, 2008. <http://www.fermentario.fhuce.edu.uy/index.php/fermentario/article/view/5>
- Castrillon, Alberto. *Humboldt et la géographie des plantes*. Revue des Histoires des Sciences.XLV/4,1992.p419-433.
- Cuvier, Georges. *Recherches sur les Ossements Fossiles où l'on rétablit. Les caractères de plusieurs animaux dont les révolutions du globe ont détruit les espèces*. Nouvelle Édition entièrement refondue, et considérablement augmentée. Tome cinquième, 1^{er}. Partie, contenant les rongeurs, les édentés, et les mammifères marins. Paris: chez G. Dufour et E. D'Ocagne, Libraires, et a Amestardam, chez les mêmes, 1823.
- Di Stefano, R. "Colegas clérigos del joven Darwin". *Anuario del Instituto de Estudios Histórico. Sociales*, (2010, no prelo).
- Dwyer, John D. The Botanical Catalogues of Auguste De St. Hilaire. *Annals of the Missouri Botanical Garden*. Vol. 42, No. 2 (May, 1955), pp. 153-170.
- URL: <http://www.jstor.org/stable/2394600>
- Favaro, E. *Dámaso Antonio Larrañaga. Su vida y su época*. Montevideo: Impressora Rex S.A. 1950.
- Furlong, S.J.G. *Naturalistas argentinos durante la dominación hispánica*. Buenos Aires: Editorial Huarpes. 1945.
- Gonzáles, A. D. "Prologo", in: Favaro, E. *Damaso Antonio Larrañaga. Su vida y su época*. Montevideo: Impressora Rex S.A., 1950, VII-XIII.
- Herter, G. Los dibujos de plantas de don Dámaso A. Larrañaga. *Anales del Museo de Historia Natural de Montevideo* (Segunda serie) 1928, pp. 409-426.

- Kury, L. B. "La politique des voyages en France au début du XIXe siècle et la culture scientifique de Auguste de Saint-Hilaire", in Laissus, Y. (eds.) *Les naturalistes français en Amérique du Sud. XVIe-XIX siècles*, Paris: C.T.H.S., 1995, pp. 235-245.
- Larrañaga, D. A. *Escritos de Don Dámaso Antonio Larrañaga*, Instituto Historico Y Geográfico del Uruguay. Edición Nacional. Montevideo. Imprenta Nacional, 3 vols - 1922-1923.
- Larrañaga, D. A. "Correspondencia", in Larrañaga, D.A., *Escritos de Don Dámaso Antonio Larrañaga*. Instituto Historico y Geográfico del Uruguay. Edición Nacional. Montevideo. Imprenta Nacional, Tomo III, 1923, p.241-301.
- Larrañaga, D. A. Memoria geológica sobre la reciente formación del Río de la Plata, deducida de sus conchas fósiles. In: *Escritos de D. Dámaso Antonio Larrañaga*. Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay. Edición Nacional. Montevideo. Imprenta Nacional, tomo III, 1923, p. 7-20.
- Larrañaga, D. A. Memoria geológica sobre la Piedra de cal de Bs. As. Por un hijo del país. In: *Escritos de Don Dámaso Antonio Larrañaga*. Instituto Historico y Geográfico del Uruguay. Edición Nacional. Montevideo. Imprenta Nacional, 1923, t. III, p. 22-28.
- Larrañaga, D. A. Oracion inaugural. Biblioteca de Montevideo. In: *Escritos de D. Dámaso Antonio Larrañaga*. Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay. Edición Nacional. Montevideo. Imprenta Nacional, tomo III, 1924, p.136-146.
- Lopes, M. M. *O Brasil descobre a pesquisa científica: as ciências naturais e os museus no século XIX*, Brasília, UnB, São Paulo, HUCITEC, 2ª ed. 2009, 1ª ed, 1997.
- Lopes, M. M. Fósseis e Museus na Argentina e no Brasil, no século XIX: uma contribuição à história da Paleontologia na América Latina. *Asclepio* (Madrid), 1999 v. 22, n. 2, p. 145-164.
- Lopes, M. M. e Podgorny, I. Caminos cruzados. El Museo Nacional de Historia Natural de Montevideo en la documentación del Museo Nacional de Buenos Aires. *Ciencia Hoy*, Buenos Aires, v.10, n.57, junio-julio, 2000.

- Lopes, M. M. e Varela, A. G. Viagens, tremores e conchas: aspectos da natureza da América em escritos de José Bonifácio de Andrada e Silva, José Hipólito Unanue e Dámaso Antonio Larrañaga. *Bol Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, Pará v. 5, p. 227-242, 2010.
- Pena, C. M. de. Introducción. In: Memoria geológica sobre la formación del Río de la Plata, deducida de sus conchas fósiles, escrita por los años 1819. *Anales del Museo Nacional de Montevideo*. Tomo I, p.VII-XLVII, 1897.
- Podgorny, I. El camino de los fósiles: las colecciones de mamíferos pampeanos en los museos franceses e ingleses. *Asclepio*, (Madrid), 2001, v.53, n.2, p.97-116.
- Podgorny, I. De ángeles, gigantes y megatérios. El intercambio de fósiles de las provincias del Plata en la primera mitad del siglo XIX. In: Ricardo Salvatore D. (comp.) *Los lugares del saber. Contextos locales y redes transnacionales en la formación del conocimiento moderno*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2007, p.125-157.
- Podgorny, I. Traders from the past: Teodoro Vilardebó, Pedro de Angelis and the trade of bones and documents in the Río de la Plata, 1830-1850. *Circumscribere: International Journal for the History of Science*, Vol 9 (2011).
- <http://revistas.pucsp.br/index.php/circumhc/article/view/5272>
- Podgorny, I. Swallows, scraps of information, and cataphracts: How the genus *Glyptodon*, Owen, came to be in the 1830s. (*pre-print*).
- Podgorny, I. e Lopes, M. M. *El Desierto en una vitrina. Museos e historia natural en la Argentina, 1810-1890*. México: Limusa. 2008.
- Roberts, L. "Situating Science in Global History: Local Exchanges and Networks of Circulation", *Itinerario* 2009, 33:9-30. doi:10.1017/S0165115300002680.
- Rudwick, M. *Bursting the Limits of Time. The Reconstruction of Geohistory in the Age of Revolution*, Chicago: University of Chicago Press, 2005.

Saint-Hilaire, (1887) A. de *Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)*. Translated by Costa, A M. da. Originally published as *Voyage a Rio Grande do Sul* (Brésil). (Orleans : H. Herluison). Brasília: Senado Federal Cons. Editorial.

Saint-Hilaire, A. Aperçu d'un voyage dans l'intérieur du Brésil, la province Cisplatine et les missions dites du Paraguay. Paris. Imprimerie de A. Belin. 1823 <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01417800#page/11/mode/1up>.

Saint-Hilaire, A. de *Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay*. Paris: Imprimerie de A. Belin. 1824 <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb37267928g>.

Schaffer, S. et al. (eds) *The Brokered World Go-Betweens and Global Intelligence, 1770–1820*. Uppsala Studies in History of Science, Volume 35, 2009.

Stephen Bell, *A Life in Shadow: Aimé Bonpland in Southern South America, 1817-1858*, Palo Alto: Stanford University Press, 2010.

Torrens, H.S. The early life and geological work of John Mawe, 1766–1829, and a note on his travels in Brazil. *Bulletin of the Peak District Mines Historical Society*, 1992, 11 (6):267–271.